

Esperança de vida no país dobra em cem anos

Sarampo e paralisia infantil são controlados, mas malária, hanseníase e tuberculose ainda apresentam altas taxas

Carter Anderson

• A expectativa de vida no país deu um salto entre 1900 e 2000, período em que a população do país passou de 17,4 milhões para 169 milhões. No início do século passado, o brasileiro nascia com esperança média de vida de 33,6 anos, que cem anos depois passou para 68,6 anos, segundo as "Estatísticas do Século XX", do IBGE. Já a taxa de mortalidade infantil, que era de 162,4 por mil em 1930, caiu para 29,6 por mil em 2000.

Mesmo sem uma política de distribuição de renda, a população foi beneficiada pelas ações públicas de saúde e pelo advento de novas tecnologias na área da medicina, avalia o coordenador de População e Indicadores Sociais do IBGE, Luiz Antonio Oliveira.

— No século XIX, na Europa, esse fenômeno ocorreu graças à distribuição de renda e à organização da sociedade. No Brasil, foi consequência de campanhas de vacinação e importação de tecnologias médicas e farmacêuticas, que evitam doenças infecciosas, e outras ações de saúde pública.

Casos de sarampo e de paralisia infantil despencam

Pesquisadores que analisaram as estatísticas alertam, no entanto, que a taxa de mortalidade infantil ainda é alta. Um brasileiro que conseguiu sobreviver ao primeiro ano de vida em 1990 teve sua esperança de vida aumentada de 62,3 para 66 anos. "Isso evidencia os tremendos riscos ainda enfrentados pelas crianças brasileiras no primeiro ano de vida", afirmam os sociólogos Nelson do Valle e Silva e Maria Ligia Barbosa, que analisam os dados na publicação do IBGE.

As campanhas de vacinação reduziram drasticamente a incidência de paralisia infantil (poliomielite) e sarampo. Em 1989, foram registrados apenas 35 casos de poliomielite. Já entre 1970 e 1999, o número



de vítimas de sarampo caiu de 35 mil para 910. Mas a situação saiu de controle em relação a outras doenças, como a malária, cujo número de casos quintuplicou em cerca de 50 anos. Em 1946, foram cem mil casos. Em 1999, 568 mil.

— O crescimento dos casos de malária nos anos 80 é um reflexo do desmatamento e da expansão da fronteira amazônica nos anos 70 e 80, com as atividades agrícolas. Houve uma grande ocupação humana naquela região e a rede de transporte também cresceu, importando a malária — diz Oliveira.

As campanhas de saúde pública também não conseguiram reduzir a incidência de tubercu-

lose e hanseníase que, em 1999, vitimaram 78 mil e 83 mil pessoas, respectivamente. Oliveira diz que essas são doenças sociais e ambientais, que afetam populações em áreas muito povoadas, sem condições adequadas de saneamento.

Ensino médio foi o que mais cresceu

Na educação, o crescimento do número de alunos do nível médio foi uma das principais mudanças no século passado. Com a carência de dados confiáveis relativos às três primeiras décadas do século XX, os pesquisadores detiveram-se na análise dos dados a partir dos anos 30.

Em 1933, havia apenas 108 mil alunos cursando o nível médio (secundário e técnico). Proporcionalmente, o nível médio cresceu mais que os outros segmentos. Em 1968, já eram 3,2 milhões de alunos, um crescimento de 2.960%. Em 1998, já com a denominação de Segundo Grau, foram registradas 6,9 milhões de matrículas.

— Havia um grande déficit de escolas de nível médio e, até a década de 50, a educação da população era basicamente primária. Mas nessa época houve um crescimento exponencial do nível médio — explica Oliveira.

Até a década de 30, o antigo

primário contava com 2,1 milhões de alunos, e o nível superior registrava apenas 22.800 matrículas. O sociólogo Carlos Hasenbalg, que analisou os dados para o IBGE, afirma no estudo que a expansão do nível médio representou uma ruptura de estruturas. Na República Velha, diz Hasenbalg, prevalecia "um esquema descentralizado e dual, formado por um sistema de educação popular e outro de formação de elites". Nos últimos 60 anos do Século XX também foi registrada uma drástica queda na taxa de analfabetismo, que caiu de 54,5% (1940) para 13,6% (2000) na população com 15 anos ou mais. ■

Editoria de Arte